

SANTOS NÃO-CANÔNICOS: PRESENÇA DA CULTURA POPULAR NOS MERCADOS PÚBLICOS DE RECIFE/PERNAMBUCO - BRASIL

Rúbia Lóssio

Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco
Coordenadora do Centro de Estudos
Folclóricos Mário Souto Maior

Semira Adler Vainsencher

Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco
do Instituto de Pesquisas Sociais/Inpso

Resumo: Os santos não-canônicos fazem parte de uma temática ainda pouco pesquisada no Brasil. Desse modo, através do presente estudo objetivamos dar continuidade às pesquisas que estão sendo ora empreendidas, acerca das devoções populares não-canônicas na América Latina, bem como fazer um levantamento desses santos, procurando contribuir, assim, para o seu registro, análise e divulgação. Como metodologia, utilizaremos entrevistas semi-estruturadas, junto à população que se dirige aos mercados populares da cidade do Recife, buscando os santos mais cultuados, tais como o Padre Ibiapina, Dom Vital, Frei Damião e a Menina-Sem-Nome.

A devoção aos santos católicos não-canônicos representa um assunto que, há muito, vem sendo reconhecido por estudiosos do folclore. A esse respeito, muitas pessoas manifestam as suas ansiedades e desejos (curas para doenças, resolução de problemas financeiros e de ordem afetiva, entre outros) mediante a devoção daqueles santos. Segundo Cascudo (1974), “o povo faz seu santo”. E Sousa Barros (1977), por sua vez, atribui a existência das devoções à situação sócio-econômica das populações e à precariedade dos serviços públicos básicos.

“As devoções não-canônicas têm sido pouco estudadas no campo da Antropologia, do Folclore, da Psicologia Social, das ciências da religião e da comunicação. No entanto, sabe-se que a sua prática envolve processos psico-sociais e de comunicação da maior importância nas sociedades latino-americanas” (Benjamin, 2003).

As histórias da vida dos santos populares são processadas no imaginário popular, dando margem ao surgimento de várias lendas, a exemplo do caso de São Longuinho, um santo pertencente ao devocionário nordestino. Vale a pena ressaltar que o vocábulo *longino* é proveniente do latim e significa alto, longo. Segundo a lenda, *Longino* foi o centurião que

transpassou o coração de Jesus com sua lança. Como era cego, ele não percebeu os respingos de sangue que lhe caíram nos olhos. E, quando isto ocorreu, deu-se um verdadeiro milagre: Longino voltou a enxergar.

A partir daí, dizem que ele se converteu ao cristianismo: ficou conhecido como São Longuinho, considerado como o santo dos objetos perdidos, e seu dia ficou sendo o 15 de março. Neste sentido, quando alguém perde um objeto, por exemplo, para achá-lo é preciso dizer: “São Longuinho, São Longuinho, se eu achar o que perdi, dou três pulinhos, três assobios e três gritos”.

Não se sabe ao certo o porquê dos três pulinhos, depois de se alcançar a graça concedida. Dizem ainda que São Longuinho perdeu uma das pernas em uma batalha e, por essa razão, gostava de ver as pessoas pulando. Vale registrar que São Longuinho - figura que faz parte do devocionário europeu e brasileiro - representa um santo bastante cultuado na cidade do Recife.

Ao longo do tempo, os milagres exaltados pelos santos não-canônicos foram sendo destacados e memorizados. Com o acontecimento dos milagres, concedidos por aqueles santos, o interesse de outros fiéis foram sendo despertados, tornando-se eles, por sua vez, seguidores e devotos desses “santos”. Cabe lembrar que os avanços das práticas comunicacionais também influenciaram, em muito, a propagação de tais milagres.

O folclorista Coluccio (1994) categorizou os santos não-canônicos da Argentina como:

1. os “*iluminados*” – um grupo constituído por pessoas que, em sua vida terrena, se dedicaram à prática da caridade, sendo consideradas virtuosas. Algumas delas teriam chegado a participar de acontecimentos extraordinários, considerados milagrosos e, após a morte, tiveram a sua intercessão invocada para auxiliar na resolução de problemas de naturezas variadas, gerando certos cultos populares. Em alguns casos, a Igreja Católica vem tentando se apropriar dessas devoções, bem como dos locais de cultos populares, dando início ao processo de reconhecimento canônico da santidade; e

2. as “*vítimas de morte violenta ou injusta*” - destes, fazem parte três grupos distintos: o primeiro, constituído pelos chamados *anjós*, as crianças que faleceram ainda na primeira infância, vítimas de abandono ou de outras formas de desentendimento; as *vítimas inocentes*, os adolescentes e adultos que foram espancados, estuprados e assassinados (nesta categoria é elevado o número de mulheres); e as pessoas de *vida errada*, os bandidos e as prostitutas cujos devotos acreditam que tiveram, em vida, a oportunidade de se arrepender e obter o perdão por seus pecados *in extremis*.

Um milagre, para Luís da Câmara Cascudo, é conceituado como:

“a representação do órgão ou parte do corpo humano curado pela intervenção divina e oferecido ao santuário em testemunho material de gratidão. Os milagres são quadros registrando o episódio ou objetos de cera, ouro, prata ou marfim, materializando a parte doente que sarou. Há milagres feitos toscamente em gesso, madeira, osso. Nas grandes igrejas, nos lugares de romaria, há sempre a casa dos milagres, destina a recolher essas ofertas...”

Para agradecer ao santo não-canônico muitas pessoas passaram a pagar a graça obtida através de um ex-voto (artefato exposto em alguma capela ou igreja e que representa o objeto para o qual a promessa se concentra). Quanto a isso, Luís da Câmara Cascudo em carta a Luiz Beltrão afirmou:

“O ex-voto é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica. Vale muito mais do que uma coleção de crânios, com suas respectivas e graves medições classificadoras. É um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, do Neolítico aos nossos dias. E sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis.”

(...)“Com as promessas comprovadoras do imediatismo do milagre, retiradas do uso individual, roupas, muletas, carrinhos, aparelhos ortopédicos; da representação material dos membros vulnerados, ocorre a série variada e rica nessas figurações de intenção anatômica em madeira, que foram as mais velhas, barro, metal e cera. Como não existem, tirando as feitas em metal e cera, fábricas de ex-votos, as peças em madeira e barro são de impressionante verismo indicador, não apenas da enfermidade, mas, na coleção de cabeças, do tipo antropológico responsável pela dádiva.

Seria possível perfeitamente indicar as moléstias comuns em determinadas regiões, a insistência regular de certos males numa área geográfica delimitada, pelo exame dos ex-votos, denunciadores

nosológicos e mesmo teratológicos. Sendo a maioria um trabalho e escultura artesanal, rude, rústico, bravio, com a intenção da fidelidade expressionista, esses modelos testificam os níveis artísticos do povo nas camadas mais profundas de sua conservação estética e impulsão recriadora. Nenhuma, ou quase nenhuma interferência dos padrões moderadores mais altos, converge para o ex-voto autêntico. Sua feiura é uma credencial de legitimidade.”

(...)

“O ex-voto, sendo a satisfação da súplica atendida, destina-se à publicidade, como ainda usam divulgando nos jornais a obtenção de “graças alcançadas”. O aspecto rude da escultura não exclui a intenção emocional de uma homenagem ultra petita. Prova o reconhecimento e demonstra a existência do artista. A importância etnográfica dessas peças está justamente em reconhecer esse oculto e notório desejo de exteriorização.”

Em se tratando do ex-voto como veículo jornalístico, Luiz Beltrão destaca que:

“Se penetramos no santuário e conseguimos as ‘chaves’ para decodificar mensagens contidas nas peças expostas no altar ou nas paredes do centro devocional, então depressa nos assenhoreamos de informações as mais completas e evidentes. A começar pelos ex-votos em desenhos e fotografia representando graficamente o acontecimento, tal e qual ocorreu. Na zona litorânea, observamos enorme quantidade de ex-votos representando o afundamento de barcos, tempestades, naufragos agarrados a rochedos ou a destroços flutuantes. Na zona rural e pastoril abundam as representações de quedas de animais, picadas de cobra, chifradas, acidentes de trabalho no campo. São comuns os ex-votos zoomorfos: bois, vacas, carneiros e porcos curados de bicheira, galinhas que escaparam à pigarra. A doença e a sua localização vêm indicadas, quer por meio de pintura quer através de um tratamento plástico que participa diretamente da composição.”

(...)

“Os retratos e fotografias com a narração do milagre no verso ou na parte inferior também constituem meio de informação de alto interesse. São colhidos por fotógrafos profissionais, os ‘lambe-lambe’ encontrados nas imediações dos cruzeiros, nos pátios dos santuários mais procurados pelos romeiros. Por vezes, na fotografia, o ‘devoto’ procura reproduzir a posição em que estava quando se operou o milagre. Alguns homens, por exemplo, deixam-se fotografar deitados num banco de pedra de um jardim, sem a menor cerimônia, pois isso é comum: tiram o paletó, deparam-no numa árvore próxima,

deitam-se em decúbito dorsal e depois amarram um pano que o próprio fotógrafo lhes empresta no lugar que foi curado (rosto, pescoço, cabeça, etc.); desse modo são fotografados.”

Hoje em dia, com o aumento dos pedidos realizados pelos fiéis, encontramos ex-votos fabricados em série. Estes são deixados em cemitérios, capelas, oratórios domésticos, entre outros.

Na cidade do Recife existem os seguintes mercados públicos: São José, Boa Vista, Madalena, Casa Amarela, Santo Amaro, Encruzilhada, Água Fria, Nova Descoberta, Pina, Coelho e Beberibe.

Nesses mercados, pode-se sentir a vida pulsar e apreender muitos dos hábitos, costumes, crenças e tradições populares. Nos mercados recifenses é possível se encontrar inúmeros produtos como objetos artesanais feitos em palha, cerâmica, couro, madeira, corda, fibras diversas, bem como animais silvestres e domésticos, bebidas alcoólicas regionais, diversos tipos de fumo, comidas típicas, frutas, flores, carnes, peixes e crustáceos, plantas medicinais, objetos referentes às religiões e cultos existentes no país, ou mesmo produtos industrializados mais modernos.

Segundo Nestor García Canclini, cultura popular é entendida como:

*“Culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida”.*¹

Por sua vez, de acordo com Martins (2000) ... “Entre o homem comum e a História que ele faz há um abismo imenso, o abismo de sua alienação, de sua importância diante das forças que ele próprio desencadeia quando, querendo ou não, junta a sua força de ação à práxis coletiva que cria o novo e conserva o velho.”

Dentro dessa linha de raciocínio, é nos arredores de um mercado público onde melhor se pode evidenciar a presença da cultura popular. Neste sentido, segundo Canclini (1983):

“a existência das culturas populares deve-se ao fato de a sociedade gerar, em suas formas de reprodução: a) uma apropriação desigual

¹ CANCLINI, Nestor. García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.12

dos bens econômicos e culturais, por parte das diferentes classes na produção de consumo; b) uma elaboração própria de suas condições de vida e da satisfação de suas necessidades nos setores excluídos da participação plena da produção social; c) uma interação muitas vezes conflitiva entre classes populares e a classe hegemônica, pela apropriação dos bens.

Os mercados públicos se constituem em um espaço de divulgação da cultura popular, um lugar onde os devotos buscam os objetos que possam representar o santo correspondente ao desejo que aspiram realizar. Vale registrar que os santos não-canônicos mais procurados nesses mercados são: Padre Ibiapina, Frei Damião e Dom Vital. Ressalta-se que à Menina-Sem-Nome ainda não foram associados objetos, sendo externalizada a sua devoção através de ex-votos depositados em seu túmulo, no Cemitério de Santo Amaro.

Padre Ibiapina

Segundo Coluccio, ele está inserido na categoria dos “iluminados”. Chamava-se José Antônio Maria, nasceu no dia 5 de agosto de 1806, no Ceará, e possuía o sobrenome Ibiapina, em homenagem à vila em que residia. Lutou no Nordeste, por um ideal de trabalho e fé.

Aquele padre exerceu também as funções de juiz de Direito e chefe de polícia. O seu apostolado foi feito através da religião e educação, onde ele aviva algumas crenças nos sertanejos para afastá-los do bacamarte e da superstição. O padre e missionário Ibiapina criou órfãos pobres, para redimi-los da ignorância e da miséria, combateu ódios, dissídios e vícios, em prol de uma sociedade cristã, educou e preparou as mulheres pobres do sertão para atuar na esfera privada, batizou e casou pessoas nos interiores de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí e teve uma vida sem mácula.

Além disso, ele realizou peregrinações, construiu mais de vinte edificações - denominadas de “casas da caridade”. Através delas, o padre Ibiapina pôde recolher e educar milhares de órfãos carentes, realizando, assim, muitos atos de beneficência. Esse padre faleceu no dia 19 de janeiro de 1883, na Casa de Caridade Santa Fé, no Estado da Paraíba.

Dom Vital

Inserido na mesma categoria dos “*iluminados*”, o bispo Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira nasceu no dia 27 de novembro de 1844, em um engenho de açúcar, em Pernambuco. Estudou no Seminário de Olinda e, depois, em *Saint Sulpice*, em Paris. Foi lá onde resolveu se tornar um capuchinho (religioso pertencente à ordem franciscana). Quando foi recebido no Seminário de Versalhes, os seus superiores o trataram com tal aspereza e falta de atenção que ele contraiu uma grave doença na garganta, nunca mais ficou curado e, da qual, provavelmente, veio a morrer.

Dom Vital foi perseguido e preso, tendo lutado em prol das questões religiosas e contra a maçonaria, entrou para o Convento Franciscano de *Perpignan* e, posteriormente, para o Seminário de *Toulouse*, onde se deu a sua ordenação no dia 2 de agosto de 1868. No fim deste mesmo ano voltou para o Brasil, tendo seguido para o Convento dos Franciscanos, em São Paulo, local onde foi lecionar.

Em março de 1872, Dom Vital foi consagrado bispo, por indicação do Governo do Império do Brasil (que possuía tais privilégios). O Papa Pio IX, por sua vez, muito hesitou em aceitá-lo porque o religioso tinha apenas 26 anos. Frente à demora de Roma em aprovar o seu nome, Dom Vital escreveu uma carta para o Papa, solicitando a dispensa do cargo e afirmando desejar se manter, apenas, como um simples religioso. O Papa Pio IX, então, percebendo todo o seu desprendimento, decidiu imediatamente por sua nomeação. O religioso passava a se tornar, então, o bispo de Olinda e Recife, tendo ocorrido a sua posse no dia 24 de maio de 1872.

No final do século XIX, a luta entre a Igreja Católica e a maçonaria, no Brasil, recrudescer em virtude de um incidente ocorrido no Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que, a despeito das inúmeras condenações de maçons por parte dos Papas, havia muitos padres pertencentes às lojas maçônicas. Muitos homens notáveis da época, alguns inclusive ligados à História do país – como o Visconde de Rio Branco - também eram maçons. O antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre afirmaria que Dom Vital, numa coisa e na outra era admirável. Mais do que humanamente admirável: havia nele um toque de santidade.

Frei Damião

Constituiu-se em um outro santo não-canônico, inserido na categoria dos “iluminados”. Ao nascer, no dia 5 de novembro de 1898, em Bozzano, um vilarejo da cidade de Massarosa, na Itália, recebeu o nome de Pio Giannotti. Seus pais eram camponeses humildes e devotos.

Desde cedo, Pio Giannotti demonstrava uma inclinação para o sacerdócio. Ele iniciou os seus estudos religiosos na Escola Seráfica de Camigliano, em 1910. Aos 12 anos de idade seguiu a sua inclinação natural que o levaria, alguns anos depois, a ingressar na Ordem dos Capuchinhos, no Convento de Vila Basílica. Lá, ao receber o hábito, escolheu para si o nome de Damião.

Em 1917, Frei Damião foi convocado, pela Força Militar do Exército, para servir na frente de batalha da Primeira Guerra Mundial, juntamente com os demais irmãos capuchinhos. Após o término da guerra, ele ainda permaneceria ainda por três anos acampado na região de Zarra, na fronteira da Itália, que era disputada com a antiga Iugoslávia. Por ter presenciado a enorme carnificina da guerra, esse foi um período da sua vida que lhe deixou profundas e amargas recordações.

Em 1923, quando retornou ao Seminário, foi ordenado sacerdote na Igreja de São João Latrão, em Roma. Nesse período, ingressou no Colégio Internacional, cursando Teologia, Filosofia e Direito Canônico. Concluídos os estudos, ele se matriculou na Universidade Gregoriana, tendo concluído o doutorado em Teologia Dogmática.

Frei Damião voltaria ao convento de Vila Basílica para assumir o cargo de vice-mestre dos noviços, onde passou a lecionar até 1931. Neste mesmo ano, foi convidado pelos seus superiores a fazer uma escolha entre duas opções: permanecer como professor ou se tornar missionário no Brasil. Frei Damião seguiu a voz do seu coração e decidiu pela

missão de evangelizar. Dias depois, embarcava rumo ao Brasil e viria para o Recife. Foi somente nessa cidade que ele veio adotar, definitivamente, o nome de Frei Damião, com o designativo de sua terra natal *Bozzano*.

Pouco tempo depois de chegar no país, o religioso celebrou a sua primeira missa no dia 5 de abril de 1931, na cidade de Gravatá, situada no agreste pernambucano. No mês seguinte, passaria três dias consecutivos ouvindo os fiéis, em confissão. Foi precisamente esta atitude do Frei aquilo que mais lhe deu um grande prestígio: ele tinha conquistado, assim, a admiração da população católica daquela região.

Logo no início, por conta da mudança de idioma, ele tinha dificuldades para se comunicar com os fiéis, utilizando uma linguagem gestual. Mas, isto durou pouco e ele logo aprendeu a língua portuguesa. Durante a Segunda Guerra Mundial, Frei Damião foi proibido de realizar missões, devido à sua origem italiana: teve de permanecer recluso, em um convento em Maceió, até 1945.

Com o passar do tempo, Frei Damião se tornou mais conhecido no Nordeste. Em suas missões e romarias pelos lugarejos mais distantes da região, ele reunia milhares de fiéis e romeiros, que caminhavam muitos quilômetros a pé ou viajavam em caminhões para assistir ao grande ato de fé. Frei Damião também fazia casamentos coletivos e batismos, dava sermões, ouvia confissões, entre outros. Ele iniciava os seus trabalhos de peregrinação às quatro horas da madrugada. Saía em procissão, por ruas e estradas, em busca das comunidades mais distantes e necessitadas, acordando a todos com o badalar de um sino, com cânticos e orações. Devido às suas constantes peregrinações pelo interior do país, pregando o evangelho, ficou sendo conhecido como o *andarilho de Deus*.

Frei Damião foi ainda o único pregador que visitou o Nordeste em uma missão franciscana. Ele recebeu centenas de medalhas e condecorações, inclusive títulos de cidadão honorário em vinte e sete cidades brasileiras. Na literatura de cordel, o Frei representou um motivo de inspiração para muitos trovadores e cordelistas, que escreveram centenas de

folhetos relatando a sua vida missionária, os seus milagres, os testemunhos pessoais e o seu imenso prestígio popular.

Contudo, a falta de cuidados pessoais durante a intensa vida missionária repercutiu negativamente em sua saúde: Frei Damião adquiriu uma deformação progressiva, causada por problemas de cifose (corcunda) e escoliose, os quais lhe causaram dificuldades para respirar e falar.

Os seus últimos anos de vida foram muito sofridos. Segundo o depoimento dos médicos que o assistiam, desde jovem ele já era acometido por uma insuficiência cardiovascular periférica e pela presença de erisipela, doenças que só se agravaram com as longas peregrinações. Frei Damião de Bozzano veio a falecer aos 98 anos de idade, no dia 31 de maio de 1997, no Hospital Real Português, no Recife.

Menina-Sem-Nome

Ela representa uma santa não-canônica inserida na categoria das “vítimas inocentes”. Contam os populares que na praia do Pina, no Recife, no início da década de 1980, foi encontrada morta, com características de estupro, uma menina de, aparentemente, 10 anos de idade. Como a sua família jamais apareceu para reivindicar o corpo, e nunca se encontrou os autores responsáveis por essa tragédia, a menina foi enterrada no Cemitério de Santo Amaro. Ela ficou conhecida como Menina-Sem-Nome, e o seu túmulo, até o presente, é um dos mais visitados daquele cemitério.

Muitas pessoas fazem promessas para a Menina-Sem-Nome. Ao lado do seu túmulo, sempre são encontrados ex-votos ou objetos diversos, representando as graças que os devotos almejam conseguir ao apelar para os dons milagrosos daquela Menina.

Considerações Finais

Alguns dos santos não-canônicos - São Longuinho, Dom Vital, Padre Ibiapina, Frei Damião e a Menina-Sem-Nome - podem ser encontrados nos mercados públicos do Recife, no Brasil, locais que favorecem a hibridização da cultura popular. Ali, também estão presentes outros santos pertencentes aos cultos afro-brasileiros.

Apesar de nunca terem sido reconhecidos pelo Vaticano, tais santos continuam atraindo a atenção de devotos, que lhes atribuem o poder de realizar diversos milagres, neles depositando muita fé e esperança.

Com o advento de técnicas mais modernas, o tipo de pagamento das promessas vem mudando. Observa-se, por exemplo, que as gráficas, hoje, produzem milhares de figuras de santos, com as suas respectivas orações no verso, com um baixo custo e grande rapidez. O avanço dos meios de comunicação também contribui para uma maior divulgação desses santos.

Nos mercados públicos recifenses, são muitos os objetos comercializados pela Igreja Católica: *Cds*, terços de formas diversas, medalhas, imagens de santos, entre outros. Os santos não-canônicos, por sua vez, não sendo reconhecidos oficialmente pelo Vaticano, integram, pelo menos em termos econômicos, um segmento da religião católica ainda bem pouco explorado. Apesar disso, porém, aqueles santos não deixam de atrair com a sua imagem toda uma aura de poder e de esperança, continuando a atrair os devotos que rezam pela realização de algum desejo importante, e sonham com a presença de um milagre, que lhes possa assegurar, com certeza, momentos felizes em suas vidas.

Referências Bibliográficas

BARROS, Manuel de Souza. *Arte, folclore, subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Itambé, 1971.

BENJAMIN, Roberto Câmara. *Devoções Populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa*. Rio de Janeiro: Associação Latino-Americana de Comunicação de Investigadores de Comunicação (ALAIC), 2003. (mimeo)

CANCLINI, Nestor G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião do povo*. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

COLUCCIO, Felix. *Cultos y canonizaciones populares de Argentina*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1994.

DOM Vital. Disponível em:

<<http://www.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>> Acesso em 25 maio 2004.

MARIZ, Celso. *Ibiapina: Um apóstolo do Nordeste*. 3ª. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MELO, José Marques de (org.). *Mídia e folclore . O estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão*. Maringá/Paraná): Faculdades Maringá, 2001.

PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*. Recife: Imprensa Universitária/UFPE, 1996.

MAIOR. M. B. S. *Frei Damião: um santo?*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1998.

SÃO LONGUINHO. Disponível em:

<www.orações.com.br/index.php?pg=slonguinho> Acesso em 25 maio 2004.